# 01101150

AVENÇA

Jornal Regionalista—Por Castanheira de Pêra e Região

ANO IX

Redacção, Administração e Oficinas Castanheira de Pêra - Telefone 16

Director e Editor: Adriano José Sebastião Coelho Propriedade das Of. Gráficas da Ribeira de Pêra, L.da

Chefe da Redacção: António Maria Saraiva

N.º 279

#### O «Auto da Lusitania

ponto de referencia de

«fr. Luís de Sousa»?

Transcrição de um artigo publicado em 1897 com o titulo « Ninguém e Todo o Mnndo!

«O lodaçal do istmo de Panamá, tornou-se a agitar de novo, enodeando toda a gente. O escandaloso processo, nesta segunda edição, mancha a consciência daqueles que tinham passado incolumes da primeira vez e que assistiram impolutos á degradação do maior homem da França contemporânea, do grande françês, como por autonomasia lhe chamavam.

A opinião pública moderna é mais insaciável que as antigas divindades vingativas. Não lhe bastou uma vitima ilustre como foi Lesseps; o sacrificio deve ser mais sangrento, enesta voragem insondável vão caíndo pouco a pouco todas as reputações.

O Minotauro da honra! O quadro é triste e lastimoso,

causa calafrios a quém o contempla, mas, debaixo do seu aspecto trágico e repugnante, haveria nele alguma coisa de consolador, se exprimisse o veridictum imparcial da justiça, se traduzisse fielmente o desejo de limpar a sociedade das impurezas que a contaminam.

Se fôsse possível verificar que era êste o único propósito, não haveria senão que louvar na acção dos tribunais e na acção do forum popular. O contraste entre o desejo de punir os delinquentes e o desejo de malsinar os caracteres é porém tão evidente, que somos levados a crêr que o inetento do maior número é nivelar as consciências para que todos se confundam no mesmo grau de culpabilidade e ninguém possa arremessar a pedra ao telhado do visinho.

O grave inconveniente que vêmos no processo de Arton, não é só o descrédito que recai sôbre todos, ou quási todos os homens políticos, é a suspeição que vai pesar sôbre os poucos que se conservaram alheios aos manejos dos corruptores da Bolsa. ssim, por este caminho, torna-se difícil, senão impossível, restabelecer a necessária confiança.

Não há aliança mais notável e ao mesmo tempo mais hibirda que a da política e a da finança, termo fidalgo com que procura enobrecer-se e mascarar os seus instinctos a agiotagem bolsista. Não se diga, porém, como pretendem muitos, que isto é um produto genuino e exclusivo dêste fim de século. A question d'argent não é de agora, nem da época do terceiro império, é de todos os tempos e de todas as sociedades. El-rei dinheiro faz farinha de todo o grão

No dia 7 correu celere por esta vila a noticia de ter terminado a guerra na Europa. Em todos os esírpitos se manifestou o maior contentamento e embora não houvesse possibilidades de grandes expansões, ainda estalejaram alguns foguetes. No dia 8, porem, já na certeza da noticia e sendo o dia oficialmente consagrado à Vitória das Nações Unidas, Castanheira de Pêra entusiasmou-se e à tardinha, depois das 5 horas, após a saída do pessoal das Fábricas, a Banda de Música do C. A. T. saíu a tocar pelas ruas da vila, dirigindo-se primeiramento ao Paços do Concelho, pôsto da G. N. R. e à residencia do senhor Presidente da Câmara sendo acompanhada por muito Povo que vitoriava as Nações Unidas, em especial a Inglaterra, nossa velha aliada, os Estados Unidos e o Brasil.

Repicaram os sinos e queimaram-se quantos foguetes havia à venda.

Foi escutado com todo o interesse o discurso do Senhor Presidente do Conselho, Dr. Oliveira Salazar.

Igual interesse houve pelas retransmissões dos discursos do Primeiro Ministro e Rei de Inglaterra.

A vila está com bandeiras em todos os edifícios onde é uso vê-la.

·O Castanheirense» interpretando o sentir de todo o Povo deste concelho congratula-se com avitória das Nações Unidas e faz ardentes votos para que dentro em pouco, a Paz reine em todo o Mundo, de forma a que todos possamos dizer, como Salazar;

> Bendigamos a Paz. Bendigamos a Vitória.

e a sua omnipotência manifesta-se, como se vê, em todos os regimes, quer seja o monárquico, quer seja o republicano; quer seja em Verona, no tempo celebrado Schyllok, quer seja, na actualidade, no predominio dos Rotschild.

Um poeta português, que poderá emparceira com Shakspeare, se viesse um pouco mais tarde e se respirasse noutro ambiente, reproduziu admiràvelmente, no principio do século XVI, os sintomas da moléstia, que parece será endemica, e inesgotável, para não dizer psicológica. A febre do ouro bate em todos os pulsos e agitá todos os corações.

Esse poeta chamava-se Gil Vicente e foi no Auto da Lusitania, classificado como farça, que ele inseriu uma das cenas mais importantes do seu vasto reportório. Parece que foi nesta cena que Almeida Garrett se inspirou para lavrar um dos mais belos e comoventes finais d'acto do seu incomparável Fr. Luís de Sousa.

São dois os personagens da cena, havendo um terceiro, que é uma es-

pécie de éco, e que vai apontando no seu canhenho o que um e outro dizem. Os caracteres são perfeitamente opostos, de modo que os pensamentos que exprimem dão lugar ás mais curiosas antíteses.

Os personagens são verdadeiramente simbólicos: o que entra pri-meiro vem vestido de mercador rico e como que anda buscando alguma coisa. Cama se Todo o Mundo. O que se lhe segue é um farroupilhas e o seu nome Ninguém, traduz bem a sua condição. Trava-se então entre os dois um diálogo curiósissimo, em que a ironia transparece triunfante. E' um jôgo de esgrima espiritual, em que um dos personagens fica sempre a descoberto. Os botes são terriveis. Do primeiro que resulta? Que ninguém busca consciencia e que todo o mundo busca dinheiro. O segundo não é menos expressivo: todo o mundo busca honras e ninguém bus-

ca virtude. Noutro poeta dramático da época, posterior a Gil Vicente, mas inferior em talento, há uma cena tam-

#### A Navegação Macional

— A quem de razão —

Não é esta a primeira vez que este assunto de interesse publico palpitante me impressiana.

Nas antigas publicações O Oci-ãente e Revista Comercial de Lis-boa, no antigo Correio de Taboa, da vila deste nome e, ainda muito recentemente, em O Cezimbrense, de Cezimbra, algumas considerações exteriorisei a tal respeito, em artigos, nelas estampados.

Uma cousa, que cedo provocou o meu espanto, foi verificar o aureo tributo pago a companhias estrangeiras de navegação embarcando nos seus navios, em portos portuguêses, a onda dos nossos emigrantes.

Medraram essas companhias, e mais e mais definhou a frota mercante do paiz, á beira do Atlantico, a poente e sul, cujo povo foi o maior navegador e descobridor de todos os

E, até, em casos de viagens aflitivas, mostrou qualidade navegador intemerato, capaz de heroísmo e da martirio inexcediveis. Enriquece e no sa literatura um monumento escrito que o demonstra com a eloquência de factos ocorridos e o categórico testemunho lancinante,

Aludo á História étrágico-Maritima, de que tenho á vista os portáteis doze volumes, da edição Melo d' Azevedo e é da autoria de Bernardo Gomes de Brito (compilador) que o famoso académico abade de Sever, Diogo Barbosa Machado, no tomo 1.º de sua Biblioteca Lusitana, diz dotado pela naturesa «de feliz memoria e boa compreensão».

A interessante história, narrativa de naufragios que tiveram as mãos de Portugal, depois que se poz em exercício a navegação da India denominou, com incontestável acerto, Mendes dos Remédios (História da Literatura Portuguesa) «um modele de linguagem simples, espontânea o verdadeiramente popular».

Em suma o povo português, não (Continua na 2.º página)

bém um tanto parecida, em que o dinheiro e a formosura peiteiam os eu valimento perante um juiz. Senhor doutor, sou dinheiro, exclamou o omnipotente subornador.

Se o teatro é na realidade o mais fiel espelho social, vê-se aqui bem como ele nos reflecte essa paixão gananciosa de todos os tempos.

Triste consolação saber-se que a sociedade não estava menos corrompida outrora do que está hoje.

O Ninguém e o Todo o Mundo continuam a ser autênticas personificações da vida comum.»

Na sessão solene comemorativa do 8.º aniversário da Casa de Figueiró dos Vinhos prestada homenagem ao dr. Fernando de Lacerda.

Conforme anúnciamos, realizou-se no passado dia 21, na Casa da Comarca de Figueiró dos Vinhos, a sessão solene comemorativa do 8.º aniversário da prestante e tão simpática agremiação regionalista, que tem hoje á sua frente, os Sr. Dr. Fernando de Lacerda, José Martins Coimbra, Manuel dos Santos Carvalho, Carlos da Gama, Armando Si-mões Cascas, Augusto Gomes da Costa e José Antunes Neto.

O salão de festas encontrava-se decorado com muito gôsto, sobressain-do as bandeiras de várias colectivi-

dades congéneres.

A assistência foi extraordinária. destacando-se muitas gentis senhoras.

A' sessão presidiu o Sr. Dr. Vasconcelos de Carvalho, distinto advo-gado e representante do Conselho superior do Regionalismo Português, secretariado pelos Sr. Dr. Paulino Leitão, presidente da Casa do Distrito de Leiria, Dr. Fernando Lacerda, presidente da Casa de Figueiró dos Vinhos, Alvaro Francisco dos Reis e pelo repsesentante da Casa de Pedrogão Grande. O Sr. Dr. Vasconcelos de Carva-

lho, depois de agradecer a gentilesa do convite para presidir àquela sessão, concedeu a palavra ao nosso ilustre amigo Sr. Fernando de Lacerda, que proferiu o seguinte dis-

curso:

- «Dizia Antónius, um dos mais famosos oradores da antiga Roma, que nunca se levantava para falar, em público, que o não fizesse com uma grande emoção.

Comigo, que não sou orador, su-

cede exatamente, o mesmo.

E pricipalmente, nesta noite de festa, que há-de ficar assinalada, como uma das mais belas páginas que se escreverem sôbre a história da nossa «Casa».

E ao falar da Casa de Figueiró dos Vinhos, - dôce prolongamento da nossa terra natal-aquele poético rincão de Portugal, que Mestre Malhôa perpétuou nos seus quadros e tipos eu não posso fazê-lo, confesso, sem uma grande emoção sem uma emoção invencivél.

E' que foi em Figueiró dos Vinhos, que eu ensaiei os primeiros

Foi de lá que sai para o grande

circuito da vida!...

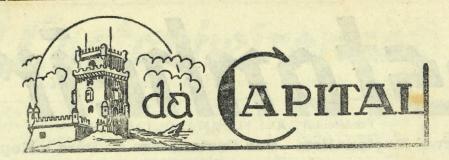
E' lá dentro dos muros da cidade eterna, beijada pela luz das estrêlas e do luar, à sombra amiga dos ciprestes, e junto dos mirtos e das rosas, que vivem e moram meus Pais.

E' a pátria dos meus parentes. — E' a terra e a pátria dos meus amigos. E' aquele sitio, que deu à histó-

ria literária do nosso país — um dos mais lindos motivos, uma das mais ricas produções, em verso, que ainda saíram das mãos de poetas e trova-dores nacionais, — «No figueiral fi-gueiredo, duas ninhas achara, duas ninhas achei».

E, numa palavra, enfim, a nossa terra, meus senhores, meus amigos.

Que para ela, portanto, e por amor dela, e sempre com a maior dedicação e entusiasmo, nós saibamos lutar, trabalhar, persistir vencer e empreender, para a tornarmos cada, vez maior aos nossos olhos, e para a



erguermos, cada vez mais alto, no altar dos nossos corações.

E' um acto de gratidão que devemos á nossa mãe espiritual e co-

E a quantos, pela nossa Casa, se têm esforçado na ancia crescente e permanente de a tornarem cada vez maior, se a elevarem e engrandeceram ao máximo, deixo o meu coração agradecido,

Agradecimentos iguais e sinceros, são devidos a quantos aqui vieram, trazer os cumprimentos amigos de



Dr. Fernando Lacerda Ilustre presidente da Casa da Comarca de Figueiró dos Vinhos

todas as casas regionais, numa grandiosa parada de amizade, dando-nos a certeza, que o movimento regionalista português, é uma fôrça, com que devemos contar.

Ao ilustre representante do Conselho Superior do Regionalismo apresento em nome da Casa de Figueiró dos Vinhos, as minhas saüdações. A' nobre Imprensa, Portuguesa,

sempre tão pronta a acarinhar e a estimular as nossas iniciativas, apresento também cordiais cumprimentos e agradecimentos.

Há um outro motivo, igualmente forte e persuasivo que explica e jústifica, ao ter de falar, hoje, a emoção de que me sinto possuido:

E' a vinda a esta colectividade de um dos mais belos espiritos, de um dos mais altos representantes do pensamento literário e artistico da nossa geração: - o sr. João Carlos.

Para êle não tenho — porque não as encontro no meu vocabulário palavras que cheguem para lhe traçar o perfil.

Um inspirado, como Leonardo de Vincide cujo mestre parece um discipulo e um continuador, êle é um pouco de tudo na terra de Camões e de Velasque.

A sua actividade exerce-se, imperturbavelmente, em vários sectores da inteligencia humana.

E, em todos eles, o faz sempre,

com a mais alta probidade, mental e profissional.

Com o escrupulo e dignidade próprios da sua sensibilidade e edu-

Porque sou um dos seus mais devotados amigos; porque sou um dos seus maiores admiradores, e até porque se dá a circunstância de ser na ciência de Hipocrates, um dos seus menores colegas, não posso, nem devo, ir mais longe na pinlura do seu retrato.

E mais, como diria Balzac: Não devo, por insuficiência verbal, entrar nos detalhes da sua personalidade.

João Carlos, eu o saudo. E desde já, muito obrigado pela honra, que nos deu, de vir a esta sua casa, onde o seu verbo vai ser, por certo, escutado religiosamente.

Recebido com uma grande salva de palmas, o sr. dr. João Carlos Celestino Gomes, conhecido escritor e artista, proferiu a sua anunciada conferência, que foi atentamente es-

No final do seu interessante trabalho foi muito aplaudido e felicitado.

Em nome da Comissão de Festas da Casa de Figueiró dos Vinhos, falou a seguir o sr. Alvro Reis que afirmou o desejo de todos os componentes daquela comissão em que fôsse prestada sincera homenagem ao ilustre presidente da direcção sr. dr. Fernando Lacerda, que tão dedicadamente se tem entregado á dura e ingrata tarefa de dirigir e orientar a Casa da Comarça de Figueiró dos Vinhos, com superior critério, dedicação e tenacidades invulgares.

Todos - afirmou Alvaro Reis nesta colectivade, sem excepção, dedicam ao dr. Fernando de Lacerda a maior amizade e lhe tributam o respeito que merece, tanto pelos dotes inteletuais como morais e, particular-mente, pelo trato afável, o que faz que em cada conhecido encontre um amigo.

A Casa de Figueiró dos Vinhos, deve muito e muito do seu prestigio ao sr. dr. Fernando de Lacerda.

Alvaro Reis terminou o seu brilhante discurso convidando a gentil mademoiselle Maria de Lourdes Coimbra, a descerrar o retrato do Sr. Dr. Fernando de Lacerda, que se en contrava coberto com a bandeira da colectivade.

A assistencia de pé, dispensou ao Sr. Dr. Lacerda uma grande ovoção, prova de que a homenagem era a todos os titulos justissima.

O homenegeado, visivelmente comevido, agradeceu a homenagem afirmando que a Casa de Figueiró dos Vinhos, pode sempre contar com êle.

O sr. dr. Vasconcelos de Carva-Iho, encerrou a sessão com um brilhante discurso, saudando em termos entusiásticos a Casa de Figueiró dos Vinhos, pela passagem do seu 8.º ani-

Terminada a sessão solene, os convidados foram obsequiados com um «Porto de Honra», servido na sala da biblioteca.

Os srs. Drs. Paulino Leitão e Vasconcelos de Carvalho, falaram para agradecer as atenções dispensadas e pa-

ra felicitar o sr. dr. Fernando de Lacerda, pela justa homenagem prestada.

O sr. António Domingos Costa, em nome da Casa de Pedrógão Grande, ali representada por três dos seus directores, proferiu algumas palavras de saŭdação e de agradecimento pela gentilesa do convite.

Seguiram-se no uso da palavra, representantes de várias casas regionais e o representante de «O Castanheirense» que felicitaram a Casa de Figueiró dos Vinhos pelo seu aniver-

A série de brindes foi encerrada pelo se de Fernando de Lacerda, que proferiu um elequente discurso, no decorrer do qual, teve palavras de muito elogio para o jornal O Castanheirense e o seu delegado em Lisboa.

Segui-se um animado baile até de madrugada abrilhantado pelo Jazz «Os Favoritos».

#### Vida Mundana

Fez anos a sr.ª D. Etelvina Ferreira dos Santos Duarte, virtuosa espôsa do nosso amigo e assinante de «O Castanheirense», o sr. Silvério Duarte, antigo dirigente da Casa de Figueiró dos Vinhos.

As nossas felicitações.

#### Noticiário

Realisou-se no passado domingo, na Casa de Ferreira do Zézere, um almoço de confraternisação regionalista, para o qual o jornal «O Castanheirense», recebeu amável convite.

No próximo número, daremos no-

ticia mais desenvolvida.

- Na Casa de Figueiró dos Vinhos, realizou-se no passado dia 5, a anunciada «Festa das Chitas», feliz iniciativa de uma comissão presidida pelo nosso amigo José Francisco dos Reis,

A festa que teve enorme assistencio foi uma das mais brilhantes que na Casa de Figueiró, se tem realizado.

Devido á falta de espaço, só na próxima semana, daremos noticia mais desenvolvida.

- Na casa da Comarca de Arganil, vai realisar-se um ciclo de conferências, a proferir pelos srs, dr. Vasconcelos de Carvalho, Armando Borges de Aguiar, dr. José Cardoso, Gastão de Betencourt, dr. Jaime Lopes Dias, dr. João de Deus Ramos, dr. João Carlos Celestino Gomes e dr. Ferreira Deusdado.

Os nomes dos ilustres conferentes e os titulos dos trabalhos que vão apresentar naquela Casa, são segura garantia de um êxito merecido, designadamente de uma larga concorrência de sócios e de todos os conterrâ-C. Rocha

#### Manuel Brinca

MÉDICO ESPECIALISTA

DOENÇAS DOS OLHOS Rua Ferreira Borges, 162, 2.º

(À PORTAGEM)

Consultório 3039 Telefones: Residência 3509

COIMBRA

#### Dr. Albano Coelho

INTERNO DOS HOSPITAIS

Quvidos, Nariz e Garganta Operações Calçada do Carmo, 6, 1., D. (Rossio)

Telefone 22070 LISBOA Consultas às 17 horas

(Continuação da 1.º página)

carece, por lado algum, de empregar o seu dinheiro de passagens, valorizando com êle companhias e empresas de avegação estrangeira.

Tal procedimento briga com as suas tradições, com a posição geográfica do paiz e com a sua própria

Além disso, é altamente extranhavel e mesmo irrisório o facto de não existir comunição directa entre a metropole e as suas possessões da India, Macau e Timor. Não só os funcionários que lá vão exercer cargos, mas todos os individuos que outro motivo determina a deslocamento, temporaneo ou de fixação para qualquer delas estão sujeitos a irem embarcar em navios estrangeiros, em portos igualmentes estrangeiros!

Que os naturais de países não banhados pelo mar e, portanto, sem portos, o façam, nada admira visto uão terem nenhuma fórma e recurso práticos de se conduzirem em tais emergências. Que um povo de marinheiros e de gente de mar, tendo em sua presença, desde o berço, o espectáculo das vagas, se veja forçado áquele expediente, é deveras incrivel.

E é outrossim nos mesmos termos que, quem vém de Timor, Ma-cau, Damão, Diu ou Gôa á metropole portuguêsa, é obrigado a procurar transporte, com incomodo e dificuldades, figurando nas causas de arrelia, não raro, o adiamento de viagem por falta de lugar á ultima hora.

A patriótica e benemérita Sociedade de Geografia de Lisboa, por proposta do seu Secretário Perpétuo (ao tempo o falecido almirante Ernesto de Vasconcelos), abraçada pela respectiva Direcção e aprovada em Assembleia Geral no dia 11 de Dezembro de 1911, decidiu proceder ao Estudo dos Problemas Coloniais, dentro das rubricas: «Explorações parcelares - Regimen económica -Administração colonial — Política colonial.»

Foi formada uma Comissão, investida nêsse Estudo, que a oportunidade reclamava, e devidamente distribuido em suas subdivisões e

Uma destas, a Alinea b) — «Regime económico» em seu n.º 5 tem a seguinte redacção: «Navegação nacional para as nossas colonias. Necessidade da sua extensão para os nossos dominios no oriente, meios e processos para que tal se realize.»

No bem elaborado Relatório Acêrca do Estudo dos Problemas Coloniais, a lume em 1913, diz o ponderado autor da proposta: «Um dos factores de mais capital importância para o desenvolvimento e prosperidade comercial das nossas colónias é, sem dúvida, a creação de linhas de navegação que as ponham directamente em relação com a metrópole.» Alguém, de bom senso e de bom senso e de experiência na vida, negará que assim seja?

Distintintos oficiais da nossa marinha de guerra tiveram a incumbencia de versar a matéria, apresentando o seu conspicuo parecer, de que foi relator o almirante José Joaquim

Xavier de Brito.

Esse parecer de texto contido em 25 páginas de impressão é um trabalho de compendioso labor, a que não falta pormenorisação informante, rematando por este teor. «O Gover-

no deve contratar pelos meios quo julgar mais convenientes um serviç de navegação regular entre a metropole e as colónias do Oriente.»

Impõe-se-nos uma deliberação apropriada ao vocabulo império, que não está certo com soluções de continuidade permanentes, sem sequer sombra de nexo positivo entre a capital da nação portuguêsa e alguns dos seus dominios distantes.

Quem não aparece esquecen grita o rifão popular, com autoridade não desmentida, e urge que não só a bandeira nacional, em navios da nacionalidade, tripulados por nacionais, se mostre, com escalas assentes, nos portos de todas as nossas possessões, mas também que isto ocorra com regularidade, nos portos dos paizes onde existem colonias de nacionais, na labuta honrada pelo pão de cada dia.

Ascende à cifra de milhões o número de compatriotas nossos que empregam a sua actividade no continente americano, e o seu transporte, em maioria grandissima, tem sido levado a efeito, quer em idas quer em regresso, em navios de marinhas mercantes estrangeiros!

Significa isto, que nos levam braços válidos e o aureo metal preço

das passagens.

Chegou, ou está soando uma hora oportuna, como nenhuma outra anterior, para actos de execução prática no sentido da navegação portuguesa ser o que deve ser, isto é: orientar-se no caminho lógico de valorisação nacional, bastando-se a si própria, não escorraçando, é claro, o pavilhão mercante estrangeiro, mas nunca perdendo de vista o legitimo interesse racional, conciliado com todos os élos de caracteristicas internacionais, aliás de modalidade vital para todos os progressos e para a elevada ideologia de Paz, solidamente perdurável.

A guerra, com seus torpedeamentos de todos os dias e em todos os mares, tem esfarrapado e aniquilado frotas inteiras de navios mercantes, cujos restos jazem no colossal cemitério das profundezas oceà-

Formariam gigantescas piramides as unidades de todas as lotações e de todos os calados assim desaparecidas e que não podem ter sido substituidas através da perturbação hecatombica, em que só se pensa em

ataque e defesa.

Aproveitar Portugal a ocasião, para cuidar a valer da navegação nacional, da sua marinha mercante, estabelecendo linhas directas, correlacionadoras de todas as regiões do império, como aliás se comporta em seu brio e é de sua dignidade e argumento, na categoria de Pátria de navegadores, à beira-mar, afigura-se--me deveras justificadissima tarefa de momento e até dever civico ina-

Nós temos estaleiros, temos habilissima mão de obra, temos madeiras, temos ferro, cuja existência se encontra demonstrada, por exem-plo, mas colunas da excelente Revista, Indústria Portuguêsa e ainda, de data próxima, nos trabalhos do ultimo e brilhante Congresso dos tras-

Concluo transcrevendo uma frase de D. Duarte de Castro no fecho do seu notável artigo Sugestão, publicado em fundo, no diário O Século, correspondente ao dia 27 de Feve-

## A Navegação Nacional COENTRAL GRANDE

#### Centro de Instrução e Recreio União Coentralense

Após um periodo de desorganização por que passou, acaba de entrar nos eixos esta antiga e modelar colectividade. Era de esperar tal facto, pois não se compreendia que uma associação de tão nobres tradições como aquela, pela qual tanto se esforçaram todos os Coentralenses, fôsse hoje dissolvida apenas por falta de uma boa administração...

Tal estado de coisas não estava, pois, de acôrdo com os princípios de Bairrismo do nosso povo, e por isso não podia permanecer assim por mais tempo. Foi nesta esperança que ficámos, quando em Agosto do ano passado apontámos nestas colunas as deficiências que então se verificavam, e simultâneamente lembrámos. a necessidade que se impunha de uma verdadeira reorganização em todos os serviços.

E' com grande prazer que registamos a realização dessa nossa esperança, pois tendo-se efectuado há já algum tempo uma assembleia geral, foram nela nomeados os novos corpos gerentes e ao mesmo tempo restabelecidas as bases da sua antiga orientação.

Foi também resolvido que o próximo aniversário, que se comemora no dia 31 de Agosto, seja convenientemente festejado, e tomaram-se decisões quanto à efectivação de vários melhoramentos na séde.

Regosijamo nos com este facto e fazemos sinceros votos para que o Centro de Instrução e Recreio União Coentralense, que durante algum tempo semi-morto e agora acaba de ressuscitar, volte a ocupar integralmente o seu lugar, dando ao mesmo tempo provas de que o Bairrismo Coentralense não morreu mas que pelo contrário se encontra com mais vigôr ainda.

#### 0 Tempo

Depois duma chuva de pouca duração, que no entanto foi de grande valôr para a agricultura, voltou novamente a sêca que tão grandes prejuizos está causando. Mais prejudicial ainda, tem sido alguma geada que tem caído nos ultimos dias, a qual está queimando principalmente os batatais. Aquêles que se apresentavam prometedores mostram agora um aspecto desolador.

Se a Providência nos não acode, teremos um péssimo ano agrícola, o que a ser facto virá tornar mais dificeis ainda os criticos dias que vive-

Iluminação Pública

E' irregular o funcionamento da cabine de ligação automática, pois umas vezes estamos às escuras e noutras só temos luz de dia. Dado que a mesma faz muita falta a quem tem tem a necessidade de transitar de noite pelas ruas, não haveria facilidades de se proceder à necessária reparação?

Aguardamos a solução do caso. 6-5-945. Alves Barata

#### Tão certo como

#### le 2 serem 3

Torná-lo-emos rápida e económicamente GUARDA - LIVROS se seguir os nossos modernos cursos por correspondência. Peça folhetos grátis ao

#### INSTITUTO-LUSO-BRASILEIRO DE COMÉRCIO

Avenida Dr. Manuel Laranjeira, 12. I.º PORTO 12. 1.0

N. B.: Não nos remeta dinheiro para sêlos.

#### Sopa dos Pobres

Cumpre-nos rectificar que a verba destinada pelo Governador Civil de Leiria para a Sopa dos Pobres de Castanheira de Pêra, foi de vinte contos e não trinta como por lapso foi indicado na local que sôbre este assunto publicamos no nosso último número.

reiro preterito: «temos que resolver os nossos problemas pelas nossas

próprias mãos...»

Deixemos de ser tributários do estrangeiro, onde a necessidaee não obriga, irremovivelmente, qual o caso de que trato agora, e prestigiêmos o nosso nome por direito de verdade e materia de competencia eviden-

Disse um ciêntista italiano, numa obra impressa em Paris (1805) no idioma de Voltaire, Azumi: Les Portugais furent les premiers qui firent de l'Océan le théâtre de leurs con-

E' esta a jústiça da História e um precedente que nos cumpre acatar por todos os modos e em todas as excepções.

F. Noronha

#### EDITAL

Jayme Eloy Moniz, Engenheiro Chefe da segunda Circunscrição Industrial, Coimbra.

Faz saber que Alfredo Tomaz de Jesus, pretende licença para instalar uma oficina de carpintaria e serração de madeiras, incluída na 2.ª classe, com os inconvenientes de barulho e perigo de incêndio, situado em Mó Pequena, freguesia de Santa Catarina, concelho de Pedrogão Grande, distrito de Leiria, confrontando do sul com Manuel Francisco Coelho, nascente com Manuel Nunes e outros, Norte e Poente com a estrada distrital. Nos termos do regulamento das Indústrias Insalubres, incomodas, perigosas ou tóxicas e dentro de prazo de 30 dias, a contar da data da publicação e atixação deste edital, podem todas as pessoas interessadas apresentar reclamações, por escrito, contra a concessão da licença requerida e examinar o respectivo processo n.º 8420, nesta Circunscrição Industrial com séde em Coimbra, Avenida Sá da Bandeira, n.º 111.

Coimbra e Secretaria da 2.ª Circunscrição Industrial, em 16 de Março de 1945.

Pelo Engenheiro Chefe da Circunscrição.

Assinatura ilegivel

## Piparotes =

Nesta, como em muitas outras terras, à coisas que podem ser consideradas inúteis. Entre outras, por agora, lembra-nos do seguinte: Os paus de bandeíra existentes nos edificios da Misericórdia, Clube e por vezes do Posto Médico... servem para tudo, menos para o fim a que foram destinados.

Falou-se em boroa... forno...
terreno... local e logo em seguida
rebentou a intriga no burgo. Lá
para os lados da Volta da Estrada
anda aquilo muito remexido... E'
remexida a terra e os espiritos não
anda menos remexidos... Não seria
possível solucionar o caso com calma e ponderação?... Olhem que
êle é um—indébito—...

Continua a ver-se sem que ninguém com isso se importe, a Praça
e a Rua Silva Bernardes, mesmo
juntinho ao edificio dos Paços do
Concelho, sarapintadas de preto,
com aquele pósinho que a senhora
camionete do correio ao fazer a sua
— toilette — por ali deixa ficar...
Já que os — limpadores — não têm
a preocupação de verificar que em
tal local se não devia fazer tal serviço, ao menos que alguém que deve
zelar pela limpesa da vila, veja e
providencie.

Há quem imagine que se anda a tratar de conseguir um edificio próprio para instalar os serviços dos Correios mas certamente que deve haver equivoco. Para quê nova casa se onde estão, estão tam bem?... De resto quem ali se encontra desde 18 e qualquer coisa 5, também pode estar mais tempo...

Hoje, e como hoje tantas vezes isso tem sucedido, ao iniciar uma conversação telefónica, encontrei-me em face de uma outra e lá tive de ouvir, sem querer, aquilo que estavam a dizer... Estes factos continuam a dar-se tanto com conversações urbanas como inter-urbanas.

Quando haverá possibilidade de se falar sem que ninguém nos ouça a não ser quem deve?...

Acabou a Guerra na Europa e êsse importante factor fez com que fôsse contradita a afirmação do Piparote número 1, acima escrito. Deram, felizmente, utilidade aos paus, fazendo nêles flutuar ao vento as respectivas bandeiras. Ainda bem e oxalá que assim continue.

#### João Domingues

João Domingues, proprietário da Pensão Castanheirense em Castanheira de Pêra e do Café no lugar do Troviscal, resolveu por motivos especiais ausentar-se de Castanheira de Pêra trespassando os dois estabelecimentos, até ao fim do mês de Julho p. f. Os trespasses entendem-se com o recheio completo ou parceladamente, compreendendo-se de: mobilias, roupas, louças e 3 suínos.

Qualquer interessado pode dirijir-se ao signatário em Castanheira de Pêra. Oportunamente pedirá por intermédio deste jornal as contas aos seus Credores. O Lastanheirense

Visado pela Comissão de Censura de Coímbra

ASSINATURAS:
Quadrimestre 7\$20
Cobrança pelo correio
mais 1500

PUBLICA-SE NOS DIAS

1, 10 e 20

DE CADA MÊS

ASSINATURAS
Estrangeiro: ano 41\$10
Império Português:
ano 33\$60

### Mulheres Modernas

Saibam quantos e quantas lerem estas linhas que...

há muitos homens, mais gordo que magro, mais baixo que alto, mais velho que novo, por sinal que casado desde os vinte e um anos de idade, com filhas também casadas e uma ainda solteira, às quais consagra a maior, a mais profunda afeição, um homem que fala e escreve o que sente e que por isso mesmo se lembrou de transplantar para a letra de fôrma conceitos claros sôbre feminismo... que não agradaram a algumas mulheres.

E vai senão quando, lê e escuta vozes isoladas, daqui e dali, vozes femininas a discordar das suas opiniões, a protestarem contra elas, mesmo em tom de acrimonia, até em desandâncias molestas...

Anda na bôca de tôda a gente e poucas pessoas faltam à observância do «dito» do pensador que, em requintes de elegância, nos ensinou que numa mulher nem com uma flor se deve tocar. Ora nós, considerados «infelizes paisagistas do feminismo» observadores de pedestais em está-tuas de amor à libertação da mulher... pelo figurino modernista de espírito avesso à compreensão de «palavras como progresso, evolução, civilização» a sofrer de miopia emancipadora, acusados de saúdosos do passado sem ver o presente nem olhar para o futuro, nós que queremos tanto às mulheres como às meninas dos nossos olhos, e que, por causa disso e por causa delas, pre-tendem dar-nos tratos de polé, Deus nos livre de usar de reciprocidade ou servir-nos de termos mais agudos... a responder á letra.

Há mulheres... e mulheres, assim como nem todos os homens se podem medir pela mesma craveira. Mas se umas merecem o nosso aprêço e a nossa consideração, pelo seu porte digno, pela sua inteligência, pelas suas qualidades de educadoras, pelo seu esfôrço no trabalho de bemfazer, pelos seus nobres exemplos de filhas, espôsas e mães, outras há que se devem pôr noutro lugar, a distância das primeiras. De quem a

culpa?... E qual a causa?

O certo é que, ou servindo-nos das idéias do dr. Júlio Dantas, ou dos pensamentos de Albino Forjaz de Sampaio, através das suas «Palavras Cínicas», vamos cair neste dilema:—ou a mulher é companheira do homem, ou é sua concorrente. No primeiro caso, a sua missão principal desempenha-a no lar (que algumas tanto detestam), no segundo, têmo-la então na rua a disputar emprêgos e benesses com o sexo forte, em verdadeiras provas de competição.

Assim, as suas vistas dirigem-se ao longe e ao largo, embaladas em sonhos lindos de emancipação integral, e umas querem ser aviadoras, outras guiadoras de automóveis, esta pretende entrar para a política, con-

seguir um lugar de deputado ou talvez de ministro, aquela, dar ingresso na advocacia, intervir nas discussões em tribunais de causas de divórcio e correlativas. Ora tomando por modêlo destas apreciações uma mulher casada e com filhos, observe-se o quadro: - se é sina sua voar pelos espaços, por paixão ou por ambição de glória, o marido irá para casa, a cuidar daquilo, que a espôsa não tem vagar de fazer. Para ela tratar de automóveis, de política, do fôro, ou de qualquer outro cargo, êle terá que substituí-la, necessàriamente, nas funções domésticas, sob pena doutros desastres, no plano familiar.

E' claro que não cabe nos moldes dum artigo de jornal de pequeno formato, dirigido a um limitado público, a crítica que se desenvolvia à volta dos variadissimos casos e aspectos do problema feminino quer encarado pelo prisma à moda antiga, que espíritos tacanhos, como o nosso defendem e preconizam em homenagem à própria mulher, quer observado em paisagem planificadora, à moda nova, quebrados os grilhões da escrayatura do lar, simples ponto de encontro de dois seres de sexo diferente, e apenas ponto de referência nas largadas para destinos dispares.

Pelo visto, a mulher moderna já se não quer sujeitar aos antigos cuidados, nos acanhados limites duma casa, e adorná-la de fiores, a perfumar-lhe o ambiente em extremos de amor puro, de carinhos e de bondade. Hoje aspira a ser o que é o homem, a gozar dos mesmos direitos e das mesmas liberdades, cigarro ao canto da bôca, passear sòzinha por avenidas largas ou ruas estreitas, a qualquer hora do dia ou da noite, arranjar colocação onde ganhe o bastante para dispensar o homem, livrar-se dêle, e impôr-lhe a sua vontade. Por isso se nota com tristeza, que o homem está em crise grave, quási já não é necessário na vida de relação da sociedade actual.

Voa alto a cotovia e faz ninho no chão. E' esta lição que deveriam aprender tôdas as mulheres de inteligência e de coração, mirando-se bem ao espelho da consciência, porque, como as cotovias, podem subir muito os seus pensamentos, a perder-se no infinito, mas, para serem felizes, têm que os fazer descer ao sítio do ninho, cá em baixo — no santuário da família.

Covilhã, Fevereiro de 1945.

Joaquim G. de Carvalho (Do Comércio de Viveres)

## Henrique Lacerda ADVOGADO Figuriró dos Vinhos Telefone n.º 2

#### MÁRIO ALVES BEBIANO

Da Guarda, regressou o Sr. Mário Alves Bebiano, industrial nesta vila, que ali foi de visita a seu filho.



#### Partidas e Chegadas

— Para Lisboa seguiu o sr. Eng. Horácio Sá Viana Rebelo, acompanhado de sua esposa e filhos.

Nesta vila cumprimentámos o nosso amigo e assinante, sr. Domingos Silva, comerciante na capital.
 Na Gestosa esteve acompa-

- Na Gestosa esteve acompanhado de sua esposa e filho o sr. José Coelho das Neves, comerciante em Lisboa.

— Cumprimentámos nesta vila os importantes comerciantes da capital srs. Domingos e José Mega.

Para Lisboa, seguiu o sr. José
Correia de Carvalho e da mesma
capital regressou o sr. Aurélio Lopes
Antunes, importantes industriais.
De Viseu regressou o sr. Gil-

berto Lopes Aguiar acompanhado por esposa e filha.

—Para assistirem à peregrinação de dia 13 do corrente em Fátima e passarem alguns dias junto da sua familia em Porte-Mós seguiram as Meninas, Aurora Simões Correia e Maria América Silva Correia

#### Eduardo Garrido

Para o Sanatório da Guarda, seguiu á poucos dias o nosso presado, amigo e distinto colaborador, sr. Eduardo Garrido de Pedrógão Grande

Sentimos bastante desejando o seu breve restabelecimento.

#### José Coelho Júnior

De Lisboa regressou o sr. José Coelho Júnior, proprietário e gerente das Oficinas Gráficas da Ribeira de Pêra, onde foi fazer tratamento á sua doença.

#### Doentes

Já se encontra restabelecido o nosso amigo sr. José Francisco Diniz, que esteve alguns dias doente. Folgamos com a noticia.

#### Necrologia

Em Lisboa, faleceu o Sr. Manuel Lourenço, sócio gerente da firma Fernandes & C.<sup>2</sup>.

A' família enlutada apresentamos o nosso cartão de sentidos pêsamos.



#### Paz à sua alma

Passa no próximo dia 15 do corrente o 3.º aniversário do falecimento da bondosa senhora Hermina da Silva Janini, esposa do sr. Vicente da Silva Janini.

Está sepultada no cemitério de Castanheira de Pêra, estando a sua campa sob a constante vigilância do marido que a ornamentou com uma linda corôa e muitas flôres.

#### CASA DOS LINHOS

TEIXEIRA DE ABREU & C.ª, L.ªa 32, 33, 34—Largo 28 de Maio 35, 36, 37—GUIMARĀIS

Fabrico especial de panos de linho, atoalhados, panos de algodão colchas e bordados regionais

PREMIADO NA EXPOSIÇÃO DE PARIS